

EDUCAÇÃO HOSPITALAR: UMA ANÁLISE SOBRE O PROJETO “O ANJO LINGUARUDO DE ASAS QUEBRADAS QUER VOAR”, NO HOSPITAL DE URGÊNCIA DE SERGIPE.

SANTOS, Leticia Batista.

Acadêmica do 6º período de Pedagogia da Universidade Tiradentes
letyciacs@hotmail.com

SANTANA, Cristiane Oliveira.

Acadêmica do 6º período de Pedagogia da Universidade Tiradentes
crisinhasantana@hotmail.com

TAVARES, Sandrine Garcez.

Acadêmica do 6º período de Pedagogia da Universidade Tiradentes
sandrine-garcez@hotmail.com

SOUZA JÚNIOR, José Lourenço (orientador).

Mestre em Educação, professor dos cursos de Pedagogia e Direito da Universidade Tiradentes
lourenço.aju@hotmail.com

RESUMO

Neste artigo mostramos a importância do contexto escolar ao ser adaptado e devidamente inserido na classe hospitalar, em destaque no Hospital de Urgência de Sergipe, com o objetivo de proporcionar maiores esclarecimentos sobre essa nova realidade. A pesquisa foi fundamentada no projeto de classe hospitalar. “O anjo linguarudo de asas quebradas quer voar”, que foi implantado no ano de 2006 com respaldo na Política Nacional de Educação Especial (1994, p.20) e na LDB em artigo 13, e mostra que se deve assegurar e nortear o atendimento educacional especializado a criança e adolescente interno por longo período no setor de oncologia no HUSE, para que, quando inserido novamente na classe educacional regular não tenha prejuízos sócios afetivos e pedagógicos. Demonstraremos como acontece essa ação, quais os profissionais que fazem parte desse contexto, quais as suas práticas e objetivos, até que ala abrange essa realidade dentro do hospital, e qual o papel do pedagogo nesta circunstância. A temática no Estado de Sergipe é pouco abordada entre estudiosos, mas já há projetos em ação como O Anjo Linguarudo de Asas Quebradas Quer Voar que vem

possibilita essa inserção, oportunidade, que é garantida por lei, para que pessoas com enfermidades diversas possam voltar ao meio social-escolar de forma ativa.

PALAVRAS-CHAVE: Projeto; Educação Hospitalar; Criança e Adolescentes com Câncer.

ABSTRACT

In this article we show the importance of the pertaining to school context to the being suitable and duly inserted in the hospital classroom, in prominence in the Hospital of Urgency of Sergipe, with the objective to provide to greater clarifications on this new reality. The research was based on the project of hospital classroom. “The linguarudo angel of broken wings wants to fly”, that he was implanted in the year of 2006 with endorsement in the National Politics of Special Education (1994, p.20) and in the LDB in article 13, and sample that if must assure and guide the educational attendance specialized the child and internal adolescent for long period in the sector of oncologia in the HUSE, so that, when inserted in the regular educational classroom it does not have damages again affective and pedagogical partners. We will demonstrate as it happens this action, which professionals that is part of this context, which its practical and objective, until section inside encloses this reality of the hospital, and which the paper of pedagogo in this circumstance. The thematic one in the State of Sergipe is little boarded between studios, but already it has projects in action as the Angel Linguarudo de Broken Asas Wants To fly that he comes to make possible this insertion, chance, that is guaranteed by law, so that people with diverse diseases can come back to the half social-pertaining to school of active form.

KEY WORDS: Project; Education Hospital, Children and Adolescents with Cancer.

INTRODUÇÃO

A concepção de classes escolares em hospitais é consequência da importância formal de que as crianças hospitalizadas, independentemente do período de permanência no estabelecimento têm necessidades educativas e direitos de cidadania onde se abrange à escolarização. A educação é direito de todos e dever do Estado e da família. O direito a educação se expressa como direito a aprendizagem e a escolarização. Sobre a situação da criança em um ambiente hospitalar:

A identidade de ser criança é, muitas vezes, diluída numa situação de internação, em que a criança se vê numa realidade diferente da sua vida cotidiana. O papel de ser criança é sufocado pelas rotinas e práticas hospitalares que tratam a criança como paciente como aquele que inspira e necessita de cuidados médicos, que precisa ficar imobilizado e que parece alheio aos acontecimentos ao seu redor. Na tentativa de compreender o resgate da subjetividade e sua contribuição para a saúde da criança hospitalizada, proponha análise de situações pedagógicas enquanto interações sociais privilegiadas da criança nesse novo momento de sua vida. (REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO, p. 119).

Os estudos e pesquisas voltados para a análise da infância revelam que esse período da vida vai desde o nascimento até a puberdade. É a idade da meninice. Porém vale ressaltar que considerar o grau de importância social atribuído a essa fase é algo recente na história ocidental. Na sociedade medieval não havia valorização da infância, e a indiferença dessa época para com a criança é muito significativa.

A particularidade dos cuidados com o infante era negada, o que resultava na elevada taxa de mortalidade infantil. ARIÈS (1981) nos mostra que o moderno sentimento familiar, caracterizado pela intensidade das relações afetivas entre pais e filhos, privacidade do lar e cuidados especiais com a infância, foi produzido ao longo dos anos pelas mudanças socioeconômicas instaladas nas sociedades industrializadas. Todavia, é importante ressaltar

que a história da infância no Brasil se confunde com a história do preconceito, da exploração e do abandono, pois desde o início houve a diferenciação entre as crianças segundo sua classe social, com direitos e lugares diversos no tecido social. Elegeram-se, assim, alguns poucos como portadores do “vir a ser” grandes homens e grandes mulheres, enquanto tantos outros foram reduzidos à servidão, muitas vezes classificados como geneticamente doentes e, assim, socialmente incapazes.

Nosso interesse por esse tema surgiu a partir, a partir dos altos índices de evasão e atraso escolar das crianças e adolescentes que permaneciam hospitalizados durante um determinado período de suas vidas. A pesquisa tem como objetivo geral compreender como o conhecimento da vivência hospitalar e a apropriação dos sentidos expressos neste ambiente refletem o papel da educação no desenvolvimento cognitivo, emocional e da saúde de crianças hospitalizadas nas enfermarias pediátricas. O tema reveste-se de uma importância crucial nos dias atuais a partir da constatação de que sua análise se volta para as populações já sistematicamente excluídas, socioeconomicamente, do acesso a bens culturais e de saúde. A relevância deste estudo deve-se ao fato de se realizar em instituições hospitalares públicas que apresentam atendimento em enfermarias pediátricas.

A escuta pedagógica diferencia-se das demais escutas realizadas pelo serviço social ou pela psicologia no hospital, ao trazer a marca da construção do conhecimento sobre aquele espaço, aquela rotina, as informações médicas ou aquela doença, de forma lúdica e, ao mesmo tempo, didática. Na realidade, não é uma escuta sem eco. É uma escuta da qual brota o diálogo, que é à base de toda a educação (FONTES, 2005).

O artigo 214 da Constituição Federal afirma que as ações do Poder Público devem conduzir a universalização do atendimento escolar. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional assegura que o Poder Público criará formas alternativas de acesso aos diferentes níveis de ensino (art. 5º § 5º), podendo organizar-se de diferentes formas para garantir o

processo de aprendizagem (art. 23). Refletir sobre a atuação de professores em hospitais tem sido uma questão bastante delicada na recente, mas já polêmica, discussão da prática pedagógica em enfermarias pediátricas.

A discussão começa entre duas correntes teóricas aparentemente opostas, mas que podem ser vistas como complementares. A primeira delas, talvez a mais difundida hoje no Brasil e com respaldo legal na Política Nacional de Educação Especial (Brasil, 1994) e seus desdobramentos (Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica – Brasil, 2001) defende a prática pedagógica em classes hospitalares. São representantes dessa visão autores como FONSECA (2001, 2002), CECCIM (1997) e CECCIM & FONSECA (1999), que têm publicações nessa área do conhecimento. Segundo a política do Ministério da Educação (MEC): “Classe hospitalar é um ambiente que possibilita o atendimento educacional de crianças e jovens internados que necessitam de educação especial e que estejam em tratamento hospitalar”. (BRASIL, 1994, p. 20)

Embora a grande maioria de professores que atuam com crianças em hospitais possua formação em nível de pós-graduação na área educacional, a formação em serviço é, indubitavelmente, o que tem assegurado um nível de qualidade crescente nessa modalidade de atendimento pedagógico, uma vez que não existe um curso, reconhecido pelo MEC, voltado para esse tipo de profissionalização. Mas apenas isso não basta, precisamos garantir maiores e melhores condições de acompanhamento pedagógico-educacional à clientela enquanto juvenil internada, o que certamente virá com a formação específica de profissionais nessa área do conhecimento.

O trabalho pedagógico em hospitais apresenta diversas interfaces de atuação e está na mira de diferentes olhares que tentam compreender, explicar e construir um modelo que o possa enquadrar. No entanto, é preciso deixar claro que tanto a educação não é elemento

exclusivo da escola quanto à saúde não é elemento exclusivo do hospital. O hospital é, inclusive, segundo definição do Ministério da Saúde, um centro de educação.

Nosso interesse pelo estudo da classe hospitalar resultou do conhecimento de um estudo existente, elaborado pela professora Avani Almeida, como projeto de dissertação de curso de pós-graduação em Ciências da Educação. Esse projeto rico em informações aborda toda a história de avanço na recuperação do aluno quando internado nos hospitais. Um projeto voltado para o desenvolvimento pedagógico dentro do Hospital Cirurgia. Diante do conhecimento desse trabalho, percebemos a necessidade que tinha os seus pequenos pacientes de estabelecer uma continuidade com o mundo “lá fora”, uma vez que eles, por força do internamento, às vezes prolongado, perdiam o contato com pessoas, objetos, com todos os elementos que sabemos ser de fundamental importância na vida durante o desenvolvimento social e harmonioso de qualquer ser humano.

Pensar sobre tais questões tem nos impelido como um veleiro que flutua ao sabor da correnteza epistemológica na tentativa de definir uma expressão que tenho lido em alguns trabalhos a respeito do tema, mas que até então nunca havia sido delimitada: pedagogia hospitalar. O que significa essa expressão? Será apenas um contraponto ao termo classe hospitalar? Qual a sua origem e o seu peso teórico? Tais idéias nos conduzem a Clarice Lispector, quando diz:

Tenho de escrever. É tão perigoso. Quem tentou, sabe.
Perigoso de mexer no que está oculto – e o mundo não está
à tona, está oculto em suas raízes submersas em profundidades.
do mar. Para escrever tenho que me colocar no vazio.
Neste vazio é que existo intuitivamente. Mas é um vazio
terrivelmente perigoso: dele arranco sangue. Sou um escritor
que tem medo da cilada das palavras que eu digo escondem
outras – quais? Talvez as diga. Escrever é uma pedra
lançada no poço fundo. (LISPECTOR, 1978, P. 23)

As palavras traem-nos, aprisionam-nos, mas também nos libertam. Tentar definir pedagogia hospitalar poderá nos trazer alguns esclarecimentos quanto à função e possíveis contribuições do professor no hospital. Poderá também nos ajudar a analisar sua formação e sua preparação para atuar com crianças nesse ambiente visivelmente diferente da sala de aula. Podemos entender pedagogia hospitalar como uma proposta diferenciada da pedagogia tradicional, uma vez que se dá em âmbito hospitalar e que busca construir conhecimentos sobre esse novo contexto de aprendizagem que possam contribuir para o bem estar da criança enferma.

O que inicialmente foi uma curiosidade tornou-se um objeto de estudo, uma vez que há poucas referências bibliográficas sobre o tema. Optamos assim pelo Hospital de Urgência de Sergipe – HUSE por ter um projeto idealizado e voltado para essas especificidades. O projeto conhecido como “O anjo linguarudo de asas quebradas quer voar” da professora Suely Borges despertou a curiosidade de conhecer sua essência e estrutura, seus idealizadores, sua funcionalidade, sua execução, seus principais objetivos e principalmente, seus resultados na vida desses internos.

EDUCAÇÃO HOSPITALAR: UMA ANÁLISE SOBRE O PROJETO “O ANJO LINGUARUDO DE ASAS QUEBRADAS QUER VOAR”.

Em Sergipe, através do Departamento de Educação e do Desporto e Lazer (DED/SEED), foi implantado em 2002 esse projeto, direcionado exclusivamente para crianças e adolescentes acometidos de câncer do Hospital de Urgência de Sergipe. Essa experiência permeada de nobres ações pode modificar a vida do interno, a institucionalidade e o convênio do projeto com o HUSE, com suas preciosas contribuições para o indivíduo, pois é desse

projeto que as crianças aprendem a conviver com a doença de maneira descontraída. Observa-se que as atividades mais frequentes do professor tem sido fazer perguntas aos alunos, sendo praticamente nula a ocorrência de comportamentos que priorizam as particularidades de cada um deles. A hospitalização na infância pode alterar significativamente o desenvolvimento infantil, uma vez que restringe as relações de convivência da criança por afastá-la de sua família, de seus amigos e também de sua escola.

Justifica a seleção desse objeto de estudo o seu conteúdo fundamental centrado na perspectiva da inclusão sujeito/interno/sociedade. Sente-se a real necessidade de estudo e pesquisa sobre o problema, a partir das abordagens, das finalidades e intencionalidade prática desse projeto criado para desenvolver crianças e adolescentes no período de internação hospitalar. Tendo como marco inicial uma pesquisa sobre o projeto em andamento “O anjo linguarudo de asas quebradas quer voar”, tem contribuído para o alcance dessa perspectiva. Segundo os direitos da criança e do adolescente: “a escola é o lugar fundamental para o encontro do educando com o saber sistematizado.” (DIÁRIO OFICIAL 1995).

Porém para possibilitar o acompanhamento pedagógico e educacional e garantir a continuidade do procedimento escolar de crianças e jovens do ensino regular, garantindo a conservação da conexão com a escola de origem, através de um currículo flexibilizado e adaptado da ação docente, a Secretaria de Educação em convênio firmado com a Secretaria de Saúde criou um programa de acolhimento diferenciado às crianças e jovens, internados em hospitais, que necessitam de acompanhamento educacional especial, para que os mesmos não percam a ligação com a escola. Dessa forma, é oferecido atendimento sistemático e diferenciado, no âmbito da Educação Básica, individual ou coletivo em classe hospitalar. O acompanhamento poderá ser feito na enfermaria, no leito ou no quarto de isolamento, devido As restrições conferidas ao educando por sua condição clínica ou de tratamento assim requeiram.

Para atuar em classes hospitalares, o professor deverá estar habilitado para trabalhar com diversidade humana e diferentes experiências culturais, identificando as necessidades educacionais especiais dos educandos impedidos de freqüentar a escola, decidindo e inserindo modificações e adaptações curriculares em um processo flexibilizador de ensino/aprendizagem. O professor deverá ter formação pedagógica, preferencialmente em educação especial ou em curso de Pedagogia e terá direito ao adicional de insalubridade.

A prática pedagógica nesse locus de atendimento exige dos profissionais da educação maior flexibilidade, em relação ao número de crianças que irão ser atendidas, assim como ao período que cada uma delas permanecerá internada, bem como às diferentes patologias. Para este atendimento não existe uma receita pronta, constituindo-se em um desafio a ser alcançado. Os professores devem buscar parceria com os familiares, que exercem proeminente papel, como figura de apoio e cooperação no sucesso da qualidade do ensino/aprendizagem e na qualidade de vida. Para Suely Borges, autora do projeto “O anjo linguarudo de asas quebradas quer voar”:

A ação pedagógica do professor deve partir de temas centrais extraídos de Histórias Infantis e Infância Juvenil com recursos narrativos diversos enfocando de forma prazerosa os conteúdos curriculares, promovendo as intervenções necessárias e atendendo a diversidade do nível de escolaridade e aprendizagem de cada um (BORGES, 2008).

A observação participante e a metodologia qualitativa busca identificar pontos negativos e o máximo possível de pontos positivos do projeto. Esse estudo promoveu um levantamento das referências de âmbito nacional sobre a abrangência da oferta desta modalidade assistencial: “Há diversidade na política e/ou diretrizes de Educação especial seguidas pelas classes, o que não diz respeito apenas às adequações regionais específicas” (FONSECA, 1998). Portanto, as observações e constatações aqui apresentadas são resultados de observações e de estudos com a utilização do método etnográfico, com essa metodologia

qualitativa cuja origem está na antropologia cultural. Esse método consiste em entender a visão que os nativos têm de seus mundos, compreendendo a natureza humana. Também se utiliza a história de vida que está interessado em atender aos propósitos do pesquisador do que do autor, uma vez que percebe sua preocupação com a fidelidade das experiências e interpretações do autor sobre o mundo. Nas palavras de FONSECA, 1998: “A classe hospitalar denota estar além da escola que temos e, certamente, mais próxima da escola que queremos”.

CONCLUSÃO

Diante do que foi abordado percebemos a real necessidade de conscientização e comprometimento de uma ação conjunta dos sistemas de educação e de saúde, municipais, estaduais e do Distrito Federal, na perspectiva de uma melhor estruturação do ensino, uma vez que o adoecimento para as crianças representa uma transição obrigatória para um mundo até então desconhecido, deprimente, e ameaçador, haja vista que as mesmas encontram-se distante do seu convívio diário, quando internas.

As classes hospitalares vão amenizar o problema da descontinuidade na vida escolar, integrando esses internos a realidade do seu cotidiano, ensinando-lhes, para que não se atrase nas classes regulares, quando retornar à sociedade. O projeto “O anjo linguarudo de asas quebradas quer voar”, proporciona experiência e motivações necessárias a aprendizagens posteriores, considerando seu estado de ânimo, trabalhando conteúdos no qual o aluno esta inserido, diversificando os estímulos e atendendo as peculiaridades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Avani. **Projeto Hospitalar sobre o Hospital Cirurgia.**

BORGES, Suely. **Projeto classe hospitalar: o anjo linguarudo de asas quebradas quer voar.** Aracaju: Governo de Sergipe: Secretaria de Estado da Educação, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial.** Brasília, MEC/SEESP, 1994, 66p.

CECCIM, Ricardo B., FONSECA, Eneida S. **Classe hospitalar: buscando padrões referenciais de atendimento pedagógico-educacional a criança e ao adolescente hospitalizados.** 1999.

CHIATTONE, H. B. C. “Relato de experiências de intervenção psicológica junto à criança hospitalizada”. IN: **Revista Integração.** MEC/SEESP, 1984, ano 9, nº. 21, p. 31-39.

DIÁRIO OFICIAL. **Direitos da criança e do adolescente hospitalizados Brasília: 1995.** Seção1, PP.319-320.

FONTES, Rejane de S. **Classe hospitalar: a validade de uma alternativa educacional a curto prazo.** Monografia de Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. 1998.

LISPECTOR, Clarice. **Um sopro de vida.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.